

# MEANDROS EQUINO - HUMANOS: INTERAÇÕES (IN)ESPERADAS EM PAISAGENS URBANAS<sup>1</sup>

*HORSE AND HUMAN MEANDERINGS:  
(UN)EXPECTED INTERACTIONS IN URBAN  
LANDSCAPES*

**Miriam Adelman \*1**

**Palavras-chave:**  
cavalos na periferia,  
interações humano-  
equinas, Curitiba, região  
metropolitana de  
Curitiba (RMC).

**Resumo:** Este fotoensaio foca as interações entre equinos e humanos em dois municípios da Região Metropolitana de Curitiba. É fruto de uma longa trajetória de convivência e pesquisa, que data dos anos 1990, longitudinalidade que permitiu à pesquisadora perceber a retração drástica da presença equina nos espaços da capital (impulsionada pela lei municipal que em 2015 interditou o uso da tração animal dentro dos seus limites geográficos). Isto contrasta com a presença dos cavalos nas 'zonas fronteiriças' da capital, espaços que continuam como repositórios de um modo de vida que a expansão da cidade, com seu fôlego higienizador, tende a aniquilar. Nas regiões onde a periferia urbana e a divisa com os municípios se tocam, entre chácaras remanescentes e áreas já bastante urbanizadas, humanos e cavalos continuam sua convivência, por vezes intensa, outras vezes meramente tomada por óbvio. Documentar suas interações fotograficamente é se atentar para a relacionalidade da interação cotidiana, privilegiando dimensões materiais, corporais, afetivas, sensíveis, que fazem parte de uma história sobre ocupação de espaços, modos de vida, escolhas e poder.

---

1 Recebido em 13 de março de 2024; aceito para publicação em 05 de junho de 2024.

\*1 Socióloga, tradutora e escritora. Professora da PPGLet/UFPR, Bolsista produtividade CNPq (CNPQ 4/2021) com o projeto Culturas Equestres e Novas Realidades Rurais. Contato: miriamad2008@gmail.com

**Keywords:** horses in urban peripheries, human-horse interactions, Curitiba, greater metropolitan area of Curitiba.

**Abstract:** *This photoessay brings into focus the interaction of equines and humans in two municipalities of the Greater Curitiba. It is the result of several decades of research, dating back to the 1990s, a longitudinal angle that allowed the researcher to perceive the drastic retraction of equine presence within the capital (driven by the municipal law that in 2015 banned the use of animal traction within its geographic limits), contrasting with equine presence in the 'border zones' of the capital, where urban peripheries and outlying municipalities meet. It is these other spaces that continue as repositories of a way of life that the expansion of the capital, in its hygienist eagerness, puts to rest. In the regions where city limits meet bordering municipalities, amidst a smattering of differences that mixes remaining bits of countryside and already highly urbanized areas, humans and horses continue their coexistence, sometimes intense, other times merely taken for granted. Using photography to document this interaction means intent observation of the fabric of this everyday interaction – the material, the corporeal, the affective and the sensitive, part of a story about the occupation of spaces, ways of life, choices and power.*



Aparecem a qualquer hora, em qualquer lugar. Numa estrada no meio da névoa da manhã, provocando o sobressalto da motorista, do pedestre. Ou pastando tranquilamente ao lado do trilho do trem, ao meio-dia. Cavalo, égua, potrinho. Parceiro do humano? Montaria (apenas)? Bicho de estimação? Animal de trabalho, na ativa, aposentado? Amado ou negligenciado ou naturalizado, como parte do entorno ou do cotidiano que se toma por óbvio? Tem dono? Tem tutora? Tem pasto? Ou precisa sobreviver fuçando na graminha que cresce entre as frestas, ou entre garrafas de plástico, latas? Ao lado de um córrego? Foge dos humanos? Ou se aproxima, procurando afagos?

De uma ou outra forma, qualquer visitante sensível à questão das relações humano-animais - uma estrangeira, talvez, como eu fui, várias décadas atrás - notará que, em cidades brasileiras de norte a sul, leste a oeste, a presença equina não foi apagada pela urbanização acelerada que tomou conta do país, principalmente a parte dos anos 1970 (Souza, 2001; Gorelik & Peixoto, 2019). O desenvolvimento imobiliário, que se acelerou ainda mais a partir do final do século XX, vem conduzindo à demolição de casas térreas e sua substituição desfredda por prédios altos, assim como pela construção de caneletas de ônibus, vias rápidas e outros mecanismos que, priorizando a intensidade e velocidade

das máquinas, freia a presença desses grandes mamíferos nas grandes metrópoles. Assim, acaba por restringi-los às periferias, seja de maneira espontânea (as áreas tomadas pelas incorporadoras tornam-se de fato, menos condizentes, pelo incremento da densidade humana, do trânsito, e de outras condições que os animais não acompanham bem) ou através de leis como a lei municipal<sup>2</sup> que em Curitiba se impôs, impulsionada por alguns segmentos da sociedade civil junto aos grandes interesses econômicos.



Evidentemente, as periferias das grandes cidades também passam por processos de desenvolvimento, de crescimento populacional e diversificação dos usos do espaço. Percebem-se, nelas, a convivência de gostos, sociabilidades e estratégias de sobrevivência... marcadas, por vezes, por um quê de fronteiroço, de limítrofe, e de

---

<sup>2</sup> LEI Nº 14.741, DE 27 DE OUTUBRO DE 2015 - PUBLICADA NO DOM DE 27/10/2015. Proíbe uso de veículo de tração animal dentro da cidade, mas ainda permite atividade equestre “em estabelecimentos públicos ou privados como haras, turfe, hipismo, equoterapia, cavalgadas, bem como o uso de animais pelas forças públicas, militares ou civis, que tenham grupamentos com montaria”. <https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/sancionada-lei-que-proibe-uso-de-veiculos-de-tracao-animal-em-curitiba/38040>

divisórias que foram traçadas em contextos que dentro de um certo tempo, voltarão a ser redesenhadas. Marcadas ainda pela história recente em que havia um fluxo intenso de pessoas que vinham do campo, ou do interior, em busca dos serviços, ou das oportunidades propagandeadas, das grandes metrópoles (Souza, 2001),<sup>3</sup> a região metropolitana de Curitiba também é testemunha de como a urbanização se expande sobre espaços que, até poucas décadas atrás, eram ainda ‘da roça’, ou de colonos.<sup>4</sup> Hoje, os tentáculos se estendem, e os centros de serviços e do comércio se amontoam, ao lado das residências, e por vezes, de uma chácara remanescente. Pode haver um jardim, ou um parque com sua incumbente ‘academia ao ar livre’, um campo de futebol; há muito asfalto, que ainda pode terminar abruptamente numa estradinha de terra, um pasto, e aí a vida nos transporta a outros tempos, outros lugares...



<sup>3</sup> Contudo, o movimento em sentido oposto - êxodo urbano no qual tanto se fala hoje, que preexiste à pandemia de 2020, mas foi intensificada por ela - tem outras características de classe. Cabe, no geral, dentro do paradigma da ‘gentrificação do campo’ estudado, no Brasil, por Pires (2007), entre outros, e responde aos desejos da classe média por fugir das mazelas da vida urbana, tendo os condomínios ou residências rurais como residência principal ou não.

<sup>4</sup> Em texto seu sobre os interesses e a agenda política que subjazem o planejamento urbano em Curitiba, Souza (2001) aponta que durante os anos 1960 e 1970, havia demarcações internas à cidade - especialmente, a linha divisória da BR 116 - que assinalavam a tentativa de preservar áreas elitizadas do resto da cidade. Souza ainda explica que este tipo de barreira foi definindo com a própria expansão da cidade, das classes médias, e o crescimento do mercado imobiliário, até reforçar, finalmente, como ‘zona fronteira’, a divisa externa, entre a capital e os municípios.



As fotos deste ensaio pertencem a um acervo de mais de dez anos de trabalho meu na fotografia, que converge com minha pesquisa socioantropológica de observação participante sobre diversas facetas das culturas equestres brasileiras (que se iniciou quase 30 anos atrás), inicialmente em Curitiba e a região metropolitana, mas incorporando cada vez mais frequentes e diversificadas incursões nesse universo, em outras regiões do Brasil. Regiões, aliás, que em grande parte, e com os devidos traços

locais, também espelham os vínculos humano-equinos que encontrei na primeira realidade local que eu conheci. Certos aspectos da história equestre de um país, composto por espaços entrelaçados do urbano e do rural, se repetem. Hoje, abarcam espaços formais, organizados, ou mesmo institucionalizados que mostram, além do persistente uso do cavalo em algumas esferas do trabalho humano (lida de gado, transporte, cavalaria e polícia montada) as novas prioridades, de uso do cavalo no esporte e lazer (corrida, rodeio, hipismo, cavalgadas e passeios) e a efervescente interesse pelas terapias assistidas por cavalo. Todas estas atividades também alimentam e são alimentados pelos espaços informais, cotidianos, como os que mostro aqui, nas minhas fotos, evidenciando a continuada ubiquidade do equino na vida brasileira. Os nichos demarcados por características particulares se transbordam, criando, exatamente, estas paisagens (in)esperadas, onde as pessoas se relacionam com os diversos seres que coabitam com elas nos espaços urbanos sempre em fluxo.



Quando os cavalos vagueiam, mais ou menos próximos das pessoas que também transitam pelos espaços fronteirços da cidade, ocorrem interações interespecíficas singulares. Como pesquisadora, os meus próprios passos me conduzem em direção a elas, tentando capturar, recortar, vê-las tanto de longe - dentro da paisagem mais ampla - quanto de perto - na tangibilidade, na tessitura, no calor. Tento compreendê-las, como foi minha intenção com estas, fotos feitas em dois municípios da Região Metropolitana de Curitiba, em 2017 e 2024, a partir de encontros espontâneos, aleatórios, enquanto eu também vagueava, ou me dirigia para algum outro encontro, e de repente estes cavalos, estas pessoas apareceram, cruzaram meu caminho, e eu cruzei o caminho deles.



Talvez não seja de estranhar que nas minhas andanças, como as fotos aqui expostas sugerem, o espaço da rua parece destacar a interação entre cavalos e humanos de sexo masculino. Os espaços urbanos continuam marcados pelo imponente problema histórico da homosociabilidade e da generificação urbanas, já tratado por estudiosas feministas das sociabilidades modernas (Wilson, 1992; Sedgwick, E.K, 1985 ; Rago, M., 2009), assim como permanecem fortes as construções históricas brasileira que favorecem, no simbólico e no prático, a relação entre homens e cavalos (Boscatti & Adelman, 2020; Leal, 2021). Contudo, a sociabilidade equestre de comunidades rurais e semirurais paranaenses hoje parece misturar, com relativa conforto, os gêneros e as gerações - nos treinos de rodeio, e nas cavalgadas, por exemplo.

Estes traços se aplicam, e também se complicam, nas áreas fronteiriças urbanas, afetadas por outros moldes de uso do espaço, mais centrífugos, acelerados, individualizantes, e por vezes, amedrontadores. Os cavalos e cavaleiros compartilham o parco e movimentado espaço que encontram com veículos hostis e motoristas impacientes. À primeira vista, repete-se o velho tropo do homem ou rapaz a cavalo. Mas ao se afastar um pouco da movimentação urbana - principalmente, se andar o suficiente para se deparar, de repente, com uma rua não asfaltada, ou uma sequência de chácaras remanescentes - pode topar com uma rústica *cabanha*<sup>5</sup> que acolhe uma presença efetiva de meninas e mulheres cavaleiras. E de qualquer maneira, no meio da densidade populacional, da passagem constante de carros, motocicletas e caminhões, do ritmo agressivo, pouco ameno a um 'lazer equestre', esta fotógrafa também foi surpreendida por meninas moradoras destas zonas fronteiriças, que encilham suas montarias e 'vão à luta' - a rua também é delas!

---

<sup>5</sup> Nome dado, no sul do Brasil, para os locais onde se juntam aficionados e profissionais do mundo do cavalo. A nomenclatura engloba práticas diferenciadas: uma *cabanha* pode ser um 'hotel para cavalos', com ou sem escolinha de equitação, ou pode ser um centro de treinamento e doma de equinos, ou mesmo um haras no qual se criam cavalos de raça crioula.





Por outro lado, embora o cavalo cative, tampouco devemos romantizar a interação humano-equina. A dureza e a crueldade da vida estão em todo lugar, se reproduzem, e a violência que rivaliza, nas relações humanas, com a solidariedade e o respeito, não se ausenta das relações humano-animais. O 'fiel parceiro' do ser humano também se torna vítima: desde o abandono parcial ou total de um equino, magro, ou magérrimo, até pelas atitudes, talvez de um menino, que, ao aprender os códigos da masculinidade, apreendeu que ao cavalo que se defende de uma demanda humana desagradável, o que se faz é bater, coagir... Atitudes que felizmente são cada vez mais repreendidas, reprovadas e, por vezes, penalizadas legalmente. Mas são outros os momentos - muito mais, eu espero, cada vez mais - de trocas baseadas no afeto, nos afagos, em pequenos cuidados, em gestos de preocupação e admiração, encontros entre equinos e humanos nas zonas urbanas fronteiriças que demonstram que o ser humano se comove com a receptividade, a generosidade desse grande animal. Os cavalos nos fazem bem. E nós, o que fazemos com nossa humanidade confusa, com nosso vínculo tênue, machucado, com a natureza, com as outras espécies, e com todo e todos que percebemos através da lente de alteridade?







É o cavalo um ser exótico no espaço urbano contemporâneo? Que vai perdendo sua presença de longa data, sua antiga coerência e compatibilização com os espaços da cidade? Como as interdições cada vez mais frequentes indicam e prescrevem, talvez sim. Elas dizem respeito também aos diferenciais de poder que regem a vida urbana, explicitando os pontos de vista que prevalecem na definição do que as cidades e suas paisagens são, ou o que devem ser, o que podem ser, o que queremos que sejam, ou como se pode viver, e sobreviver nelas. Nas imagens que apresento aqui, podemos captar, talvez, como há, neste remanescente 'do rural' no urbano, ou mesmo, de um outro urbano no urbano, resquícios que falam sobre ganhos e perdas. O que nos diz a criança, a menina ou o menino, que encontre ainda um canto verde por onde cavalgar, e se alegra de poder fugir, muito momentaneamente, dos deveres, disciplinamentos, durezas da vida, ou onde, simplesmente, um rosto se ilumina, porque uma mão pequena descansa por uns segundos num focinho suave, ou numa crina áspera? No ritmo, no movimentar-se com um animal, ou no abraço que une pele e pelo, a frieza das máquinas e a trivialidade do plástico são suspensas. Pode ser apenas passageiro. Mas pode representar algo que já se perdeu, triste ou tragicamente, e que volta à tona; podem ser momentos, ou caminhos, que a partir de seus fragmentos, inspirem novas práticas.















### Referências bibliográficas

- BOSCATTI, Ana Paula G. & ADELMAN, Miriam. “De cavalos e homens: história, poder, estratégias e representações.” *Estudos sociológicos*. Araraquara v.25 n.49 p.221-242 jul.-dez. 2020
- GORELIK, Adrián, & PEIXOTO, Fernanda Arêas . *Cidades sul-americanas como arenas culturais*. SP: Edições Sesc São Paulo, 2019.
- LEAL, Ondina F. *Os Gaúchos: Cultura e Identidade Masculinas no Pampa*. Porto Alegre: Tomo Editorial. 2021.
- PIRES, André. *Ruralidades em transformação: Agricultores, caseiros e moradores de condomínio*. São Paulo: Annablume, 2007.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista - Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 4ª. Edição. 2009.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Between men: English literature and Male Homosocial Desire*. New York: Columbia University Press. 1985.
- SOUZA, Nelson R. de. “Planejamento urbano em Curitiba: Saber técnico, classificação dos cidadãos e partilha da cidade”. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, 16, p. 107-122, jun. 2001
- WILSON, Elizabeth. *The Sphinx in the City: Urban Life, the Control of Disorder, and Women*. University of California Press. 1992.